

A história de Maria Magdalena Garcez

Alahyde Garcez Siqueira

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em alguns momentos e em algumas circunstâncias, fazer com que elas sejam seguidas. Regras sociais definem situações sociais e os tipos de comportamento apropriados a elas, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que se supõe tê-la transgredido pode ser vista como um tipo especial de pessoa, alguém que não se espera que viva segundo as regras com as quais o grupo concorda. Ela é vista como um marginal ou desviante.

O tabagismo é uma dependência de droga mantida por uma variedade de processos, que vão desde a fisiologia e o condicionamento comportamental até políticas internacionais.

Eu, Alahyde, filha de Maria Magdalena Garcez Siqueira, relato aqui a história de minha mãe, fumante desde os treze anos de idade. Estamos falando do ano de 1945. Isso significa uma média de, no mínimo, 21.535 dias. Porém, se contarmos um maço de cigarro ao dia, chegaremos ao assustador resultado de 430.700 cigarros, o que na verdade acabou sendo muito mais, pois minha mãe teve períodos em que necessitava acender 10 maços ao dia para satisfazer seu vício...

MARIA MAGDALENA GARCEZ NÃO MORREU, MAS FOI ASSASSINADA

Adolescente, acendeu seu primeiro cigarro e a partir desse momento, caminha em direção ao vício da nicotina...os anos passam, a vida segue seu percurso...acontecimentos bons, ruins, mas não sem a companhia do cigarro... esse tão destruidor companheiro começa a causar outros estragos e, em 1999, acontece a primeira de inúmeras outras interações suas.

Falta-lhe o ar... estava com infecção respiratória ficando em estado grave, necessitando de respirador artificial, pois já não conseguia naquele momento ser capaz de lutar por si só. Seus pulmões encontravam-se gravemente atingidos. Recebi a notícia que minha mãe era uma paciente DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica), como consequência ao tabagismo...vim então a saber que seu pulmão era típico de um fumante e que no seu estado já seria irreversível voltar ao normal, pois as substâncias maléficas do cigarro já haviam começado a fazer a sua destruição.

Não bastasse todo o irreparável dano físico e emocional de um quadro de extrema gravidade, deparávamos com uma nova fase de dor, sofrimento e imensos outros obstáculos. Minha mãe agora dependia de enfermagem, médicos, fisioterapia , remédios, tratamentos e, o mais difícil pra ela, era saber que seu companheiro maléfico de nome cigarro não poderia mais fazer parte de sua vida...e que não poderia mais fumar....o que ela não conseguia fazer, pois dizia sentir

mais necessidade do cigarro do que da comida e que nada seria mais prazeroso do que fumar... travava-se uma batalha contra o cigarro e nesse momento minha mãe era acompanhada por enfermagem e médico especialista em psiquiatria além dos especialistas clínicos.

O plano de saúde não cobria sua internação e a partir daquele momento sua vida financeira começava a sentir o alto custo da doença, pois sua respiração não era mais a mesma e agora seu novo companheiro era o oxigênio, pois tinha sempre que recorrer a ele para melhorar a falta de ar.

Passei a morar com minha mãe, pois sua fragilidade era evidente e procurei assim estar presente em todos os seus momentos... tinha a certeza do quanto é importante o amor, atenção, carinho, companheirismo e comecei ali a conhecer e viver o sofrimento de quem sofre pelos males do cigarro pois não é apenas a doença física, pois cada crise de abstinência, seu organismo sentia e assim desencadeava vários outros problemas de saúde e dessa forma a vida financeira era também prejudicada, chegando o momento que precisamos vender uma cobertura duplex com piscina, sauna, hidromassagem, churrasqueira e todo o conforto que minha mãe havia adquirido através de seu trabalho pois sempre procurou pensar em ter uma vida tranqüila e confortável após sua aposentadoria... agora ela via tudo ir embora e sua decepção era total... havia lhe tirado a saúde, a tranqüilidade e o que havia construído com tanto sonho...

A realidade de minha mãe agora era aluguel, contas, remédios... Mas não parou por aí pois minha mãe enfartou em 2002 e, novamente, o plano só cobriu 12 horas de sua internação, pois era recente e eles afirmavam não ter responsabilidade pela internação.

Fiz particular... o dinheiro acabou, meu nome ficou com restrição, tenho processos de cobrança de casas de saúde e várias dívidas que assumi; mas não me arrependo de absolutamente nada e tudo faria de novo se preciso fosse para que nada faltasse a minha mãe.

O drama de minha mãe parecia não ter fim, pois além de ser dependente de vários recursos para viver. Contávamos agora com restrição no nome, causando assim a dificuldade em alugar um apartamento. Só conseguíamos alugar apartamento por temporada o que era muito mais caro e por tempo curto. Acabamos perdendo praticamente tudo, até pertences pessoais, pois muitas vezes o dinheiro tornava-se insuficiente pois tinha mos que priorizar os imprevistos que aconteciam em relação a saúde e assim nossos pertences se tornavam forma de pagamento.

Contando o sofrimento de minha mãe, meu e de minha filha que crescia vendo tudo o que acontecia, lembro de momentos difíceis de crises de abstinência de minha mãe, como seu **desespero pedindo dinheiro em um botequim para comprar cigarros, vezes em que escondia dinheiro em partes íntimas, a vez em que o médico precisou permitir que ela fumasse no quarto de hospital e as vezes em que no CTI, mesmo em estado grave, os médicos tinham que deixa-la com o maço de cigarro e até mesmo pôr o cigarro apagado**

dentro a máscara de oxigênio para que se acalmasse, já que suas crises de abstinência não melhoravam só com medicamentos.

De 1999 em diante, passou o maior período internada ... podemos contar aproximadamente mais de 1.100 dias de internação entre hospital e home-care.

Datas especiais eram comemoradas de forma especial, passávamos juntas em um quarto de hospital ou um leito de CTI.

Minha mãe faleceu no dia 07 de Agosto de 2006, após ser vítima de POC, diabetes, Parkison, Alzheimer, enfarto, AVC, trombose, várias infecções por repetição, crises convulsivas, chegando a pneumonia nosocomial, disfunção de múltiplos órgãos e sistemas e choque séptico.

Ao abraçar minha mãe após seu falecimento, prometi que contaria ao mundo os males que o mal feito do cigarro causa ao ser humano e que toda a minha saudade seria transformada em uma causa, que é a de ajudar as pessoas a entenderem que essa droga mata e destrói e que a dependência do cigarro passou a não ser mais vista apenas como um “vício psicológico”, mas como uma dependência física que deveria ser tratada como uma doença médica, nos mesmos moldes do tratamento de outras substâncias que causam dependência.

O PROCESSO DE PARAR DE FUMAR: ESTÁGIOS DE MUDANÇA

Parar de fumar não se trata de uma simples decisão súbita em transformar-se de um “fumante regular” em um “não fumante”. Até que um indivíduo realmente resolva parar de fumar, ele percorre um caminho doloroso, cheio de idas e vindas. São os chamados “estágios de mudança”, que foram assim descritos por Prochaska e Di Clemente.

Por isso peço as pessoas que se conscientizem e que a história de MARIA MAGDALENA seja um alerta em relação ao tabagismo.

Dessa forma,

Por sua filha,

Alahyde Garcez Siqueira
21 9358-8515 // 2570-7044
agarcez3@gmail.com
www.pareagora.com

